

DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA OBSERVAÇÃO A DOCÊNCIA

¹Sandra Caitano Borges de Souza; ²Marilene Dantas Vigolvino

¹Universidade Estadual da Paraíba, caitano_sandra@hotmail.com; ²Universidade Estadual da Paraíba, marilenevilgolvino@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir de 1970, com as lutas dos movimentos sociais, tem se constatado uma expansão da educação infantil, além de seu reconhecimento pela primeira vez como direito da criança, opção da família e dever do Estado. Dessa forma, desvinculou-se da política de assistência social e passou a integrar a política nacional da educação, tendo mais tarde como dispositivos legais a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 que contribuíram para a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, no qual ratifica a Educação Infantil como dever de Estado e, sobretudo a educação como direito social. Sua obrigatoriedade como Educação Básica deu-se pela Emenda Constituição no. 59/2009. E a extensão de tal obrigatoriedade só passa a vigorar, de fato, com sua inclusão na LDB em 2013, garantindo a matrícula das crianças de quatro a cinco de idade na educação infantil.

Os estudos nas várias áreas do conhecimento (psicologia, história da educação, dentre outras) tem contribuído na compreensão das expressividades infantis, no processo de humanização da criança e nas mudanças das concepções teórico metodológicas, que resultaram em avanços no que diz respeito à legislação voltada para a educação infantil, legislações essas que tem como objetivo garantir um ambiente adequado e seguro as crianças. Entretanto esses avanços ainda não são suficientes para que tenhamos uma escola de qualidade que respeite os direitos das crianças da educação infantil, uma vez que existem escolas tradicionalistas do século XIX, e não são poucas, nas quais as crianças são obrigadas a ficarem nas carteiras sentadas sem mobilidade.

Apesar de existirem, por outro lado, escolas nas quais a criança aprende livremente e de forma lúdica. Todavia, não podemos também deixar de ressaltar que um dos maiores problemas

a serem enfrentados na educação infantil diz respeito à falta de preparo dos educadores, que apresentam enormes dificuldades para lidar com a família e a comunidade. Acrescente-se a isso os problemas relacionados a carência de poucos recursos materiais e pedagógicos que auxiliem no processo de aprendizagem por parte de Instituições.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em Educação infantil, no pré-escolar II, por meio das atividades realizadas na creche, tendo como temática *Brinquedos e brincadeiras de ontem e hoje*, pensando a atividade lúdica como recurso didático fundamental para desenvolver na criança sua capacidade de brincar, imaginar, fantasiar, aprender, experimentar, interagir, dentre outras. Utilizamos como suporte teórico, a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2000).

METODOLOGIA

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil foi realizado em dois momentos distintos, mas interligados entre si: a observação e a intervenção docente. Para cada momento foi determinado 20 horas semanais. Na observação elaboramos uma análise criteriosa para o conhecimento do contexto escolar e da prática pedagógica das professoras responsáveis pela Educação Infantil (Pré-escolar II). Na coleta dos dados nos valem de consultas a documentos oficiais e institucionais, conversa informal com as professoras e observações na sala de aula na tentativa de buscar elementos para subsidiar a construção da proposta pedagógica.

Dos dados coletados emergiu a possibilidade da realização de um trabalho com brinquedos e brincadeiras para que as crianças pudessem participar de forma coletiva, individual e prazerosamente, seguindo a concepção de Oliveira (2000).

Desse modo, na intervenção docente, elaboramos uma sequência didática tendo como temática *Brinquedos e brincadeiras de ontem e hoje*, respeitando as expressividades infantis no processo de humanização da criança, pois percebeu-se que havia necessidade de se trabalhar um projeto que auxiliasse na socialização delas em seu processo psicossocial: tanto na interação criança-adulto, como criança-criança. Tais interações possibilitam com que as crianças aprendam com o outro, durante a brincadeira, e que também respeitem a individualidade do outro. Assim, a referida sequência didática foi desdobrada em cinco planos de aula que conduziram a prática pedagógica.

Para tanto, utilizamos como suporte teórico a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), Lei de Diretrizes e Bases

de Educação Nacional LDBEN- no. 9.394 (1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2009), Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2018), Oliveira (2000), Pimenta, S. Lima, M. (2004) Carvalho, A. M. C. et al. (1992), Freire (1987), Moro (2011), entre outros. Foi também utilizado um Diário de Campo, elaborado através das experiências vivenciadas cotidianamente durante o estágio no decorrer do período de observação e intervenção, pois segundo Moro (2011, p.36)

Observação, registro, documentação são palavras-chaves na experiência educativa. Palavras evocativas de teorias, conceitos, metodologias e dúvidas acerca de sua efetivação. A documentação é ainda memória, história identidade, experiência.

Assim, foi através dos registros, que realizamos a avaliação das aprendizagens infantis, o que contribuiu para uma reflexão sobre o fazer educativo, ou seja, um auto avaliação da prática docente.

A observação e intervenção docente serão descritas a seguir.

1. A OBSERVAÇÃO

A observação, primeira etapa do estágio, é de suma importância para se obter conhecimento a respeito da realidade da sala de aula, lugar no qual damos início ao nosso aprendizado, abrindo horizontes e descobrindo criatividade, ou seja, nossas habilidades intelectuais e nossas dificuldades.

Foi realizada a observação na Creche Elisabete Gomes da Silva, que funciona em tempo integral com início às 7h30 e término às 16h, na zona urbana, município de Aroeiras – PB, durante cinco dias consecutivos, que totalizam 20 horas semanais. Ocorreu no período de 23 a 27 de abril de 2018.

O primeiro contato na creche foi com a direção e os funcionários (para coleta de dados referentes à parte física e administrativa). Depois com as professoras da educação infantil e as crianças.

A sala do pré-escolar II, que foi observada, é composta por 15 crianças (com 4-5 anos de idade). Durante a semana, observando essa sala de aula, constatamos, de acordo com a rotina pré-estabelecida pela creche (vinda do soninho, lanche da tarde, atividades em sala de aula, jantar, banho e espera dos pais), as atividades planejadas tais como cobrir, pintar, leitura de histórias, escrita dos nomes dos personagens da história, leitura das letras do alfabeto, hábitos de higiene, produtos de higiene, nome dos produtos, sequência numérica, brincadeira livre no parque, apresentação de vídeos com diversas histórias e músicas infantis, como por exemplo, *João e Maria*, *Galinha Pintadinha* e sessão de vídeo livre. Entretanto, nem sempre era possível

realizar tais atividades, devido à indisciplina das crianças, a dificuldade da professora em lidar com a falta de limites delas e as condições de espaço físico, tanto da sala quanto da creche de um modo geral, que não lhe permitia trabalhar as atividades conforme planejadas.

2. A INTERVENÇÃO DOCENTE

A fase de observação nos propiciou uma aproximação à realidade do contexto da sala de aula e as práticas educativas utilizadas pelas professoras da educação infantil/creche, lócus da nossa intervenção docente. Assim, na medida em que passamos a conhecer tal realidade, nos deparamos com situações ocorridas na sala de aula, como também fora dela. Tais como: a dificuldade das professoras para trabalhar a indisciplina, a falta de limites e até de educação por parte de alguns alunos. Esta realidade nos levou a pensar: como promover atividades motivadoras de modo que essas crianças pudessem vivenciar desafios e se sentissem instigadas a resolvê-los, de tal maneira que chegassem a construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BNCC, 2018).

Assim, para entender essa realidade foi preciso partir de uma concepção sobre educação infantil defendida nos últimos anos em documentos produzidos por instituições e nas produções acadêmicas dos estudiosos acerca dessa modalidade de educação. Segundo ainda a BNCC (2018, s/p), “nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”.

Nesta perspectiva é fundamental proporcionar as crianças momentos de convivência saudável, amiga, criativa e construtiva, como é o caso, por exemplo, das brincadeiras, pois através delas a criança atribui sentido ao seu mundo, se apropria de conhecimentos que a ajudarão a agir sobre o meio em que se encontra. A criança é um ser ativo e traz consigo algo que é inerente da própria infância, que é a necessidade de movimentar-se, comunicar-se, seja através da linguagem, seja através das brincadeiras. Diante disso surgiu a ideia de trabalharmos em nossa prática pedagógica, com as crianças do pré-escolar II com *Brinquedos e brincadeiras de ontem e hoje*, a qual foi desenvolvida da seguinte maneira.

No dia 18 de maio sexta-feira, as atividades deram início às 13h45min após as crianças descerem do soninho e lancharem. Ao chegarem à sala rezamos a oração do *Anjinho da Guarda* e cantamos a música *Boa tarde, tudo bem?* Após esse primeiro momento fizemos uma roda para conversarmos sobre o calendário, o tempo, o número de crianças na sala, quantidade de meninas e de meninos e, em seguida, conversamos com elas sobre o projeto *Brinquedos e brincadeiras de ontem e de hoje*.

Após a conversa, pensamos em realizar uma atividade com uma caixa surpresa, na qual uma criança tentaria adivinhar os brinquedos que estavam contidos na caixa (um por vez). Entretanto, a atividade não foi realizada, pois todas as crianças de uma vez só queriam pegar todos os brinquedos, não respeitando as regras estabelecidas pela brincadeira. A solução para amenizar esse conflito foi fazer com que eles desenhassem seus brinquedos prediletos. Diante disso, foi necessário um replanejamento das atividades para as aulas seguintes.

Depois dessa atividade, as crianças seguiram a rotina da creche, que termina com a chegada dos pais.

Na aula seguinte que se realizou no dia 21 de maio, as atividades começaram no horário de sempre, após o soninho e lanche das crianças, seguida da oração do *Anjinho da Guarda* e da música costumeira. No primeiro momento, retomamos a conversa sobre as brincadeiras que elas conheciam e que gostariam de conhecer. Depois, em outra sala, assistimos a história do Boneco Pinóquio.

Ao término do filme, provocamos um diálogo sobre a história com as crianças com perguntas do tipo: Gostaram da história? Quem eram os personagens? Como era o nome do boneco? Qual era o sonho do pai de Pinóquio? Pinóquio era feito do que antes de virar menino de verdade? Vocês têm bonecos? Os bonecos falam? Vocês gostariam de ter um boneco igual Pinóquio? O que mais chamou a atenção de vocês na história? Como era a paisagem na história?

Neste dia as crianças realizaram as atividades e conseguiram brincar de maneira prazerosa ajudando umas às outras.

No dia seguinte, no horário de sempre, ao chegarem a sala de aula, rezamos e cantamos. Em seguida, conversamos com as crianças sobre um brinquedo antigo pouco conhecido nos dias atuais, que é a peteca, através de perguntas como: vocês conhecem a peteca? Já brincaram com peteca? Gostariam de ter uma peteca? Vocês sabem fazer peteca? Como vocês acham que poderíamos confeccionar uma peteca? Mostramos a imagem de uma peteca e, em seguida, cada aluno construiu sua própria peteca de papel e decorou-a. Depois de confeccionadas, as petecas serviram de brinquedo para as crianças, que brincaram com ela em sala.

No mesmo dia, também realizamos a brincadeira “corrida de balões”, que as crianças não sabiam como brincar. Orientamos que eles teriam que pegar a bola de assopro e correr até a cadeira, sentar em cima da bola e estourar e percebemos que algumas crianças ficaram com medo no início, porém durante a brincadeira, ao ver os outros brincando, elas decidiram brincar. Essa brincadeira tem suas regras (como, por exemplo, só poder brincar duas crianças de cada vez), que foram desrespeitadas inicialmente, pois todos queriam brincar de uma vez só, entretanto acabaram entendendo e brincando até a hora do jantar.

No dia 23 de maio, realizamos culminância do projeto com a Gincana das brincadeiras.

Seguindo a rotina, após o sono e a hora do lanche, rezamos e cantamos a música. Depois, conversamos com as crianças sobre as atividades que iam ocorrer naquela tarde. Em seguida, realizamos a brincadeira *dança da cadeira*, na qual foi colocada uma cadeira a menos, pois eles tinham que correr em círculo e quem ficasse em pé saía da brincadeira, para essa brincadeira cantamos a música *atirei o pau no gato*, ou seja, a criança que ficasse por último ganhava a brincadeira. Logo em seguida realizamos a brincadeira *passa a bola*. Nesta brincadeira ganhava a equipe que terminasse primeiro, elas iam passando a bola para o amigo/amiga de trás e, quando chegasse ao último da fila, a criança correria para frente e começava tudo novamente até chegar a última criança da fileira. Nesta brincadeira as crianças aprenderam que precisamos do outro.

Depois das brincadeiras, todas as crianças foram levadas para a sala do maternal I, para ouvirem a Palestra proferida pela pedagoga Daniela Bento dos Santos Silva integrante do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Inicialmente ela contou uma história para as crianças sobre o respeito através de fantoches. Depois realizou a brincadeira do “morto e vivo” e, quando a brincadeira terminou, foram liberadas para irem para suas casas com os pais. Nesse dia não houve o momento da janta.

RESULTADOS

Tanto na fase da observação, quanto à fase da docência, foram, com muito esforço, realizadas atividades lúdicas. Especialmente na docência, pois as crianças se comportavam da mesma maneira que foi descrita na observação. Por esse motivo, a intervenção das professoras da sala para a realização das atividades e as mudanças de planejamentos foi necessária em diversos momentos. Muitas vezes, era impossível continuar a atividade e precisávamos deixar as crianças a vontade, ou, desenvolver atividades mais espontâneas e criativas, como o desenhar, atividade essa apaziguadora, pois deixava as crianças mais calmas para a realização posterior de outras atividades.

Sabendo do potencial didático de tais atividades, priorizamos, principalmente, o desenho para criar um ambiente escolar adequado, pedagogicamente falando, a fim de estimular o desenvolvimento do potencial criativo e imaginário das crianças, em consonância com o que explicita Carvalho (1992 p. 28) ao afirmar que:

“[...] O ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto em jogo”.

O brinqueado e a brincadeira, assim como o desenho, também utilizados em nossa vivência, foram de fundamental importância para desenvolvimento infantil na medida em que a criança pôde transformar e produzir novos significados, além de interagir entre elas e com as professoras.

Nesse sentido, constatamos que nas situações em que as crianças são estimuladas, foi possível observar que rompem com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. Entretanto, mesmo utilizando atividades dinâmicas e criativas foi muito difícil a prática docente nessa turma, mas não nos desanimamos, pois estávamos convencidas que “[...] são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimento por meio de suas ações com seus pares e adultos, que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (DCNEI, Art.9 – 2009).

Ou seja, lançamos mãos das brincadeiras como ferramenta pedagógica porque acreditamos que a ludicidade e sua valorização no âmbito social, familiar e educacional, influenciaria mudanças na concepção de que a brincadeira não tem importância educacional, já que o brincar, durante muito tempo, foi desvalorizado, destituído de valor a nível educativo e sua prática era delimitada apenas no intervalo do recreio. É fundamental que os profissionais da educação entendam que a educação do nosso país só poderá mudar quando a mudança partir do olhar do professor para com a educação infantil. Nesse sentido, a brincadeira na nossa prática docente foi um importante recurso didático para auxiliar as crianças a enfrentarem o mundo com seus desafios, além de provocadora de situações comunicativas, tendo em vista que por meio delas a criança pôde reproduzir seu cotidiano.

Assim, apesar de no início as crianças terem apresentado dificuldades para concentrarem-se nas atividades propostas, além de não saber lidar com limites ou regras, sendo necessário fazer um novo planejamento para as aulas seguintes, como havíamos mencionado; no decorrer da semana foi possível dar continuidade as atividades satisfatoriamente. As crianças começaram a prestar atenção e passaram a desenvolver as atividades em grupo de maneira prazerosa e harmônica. Por isso buscamos práticas educativas prazerosas e geradoras de conhecimentos para restabelecer uma relação entre o aprender e o aprender brincando.

Daí a importância em conscientizar a sociedade e, principalmente os educadores, que a brincadeira no espaço escolar, faz parte de uma aprendizagem prazerosa e significativa e colabora para o desenvolvimento da identidade, autonomia e também dos aspectos psicológicos e sociais da criança, que, desde muito cedo, aprende que pode se comunicar através de gestos, sons, mímicas, desenvolvendo assim sua imaginação, a criatividade e o desenvolvimento de

habilidades específicas como, coordenação motora, orientação espacial, ritmo, equilíbrio, organização temporal, e a linguagem como forma de comunicação.

Com a docência, foi possível compreender algumas barreiras que surgem no cotidiano escolar que precisam ser superadas como as apontadas nesse trabalho. É imprescindível que o futuro profissional da educação conheça a realidade das creches e escolas da educação infantil, mas principalmente porque foi possível colocar em prática os conhecimentos acumulados no curso de Pedagogia, pois como bem Novoa (1997: p. 15) “existem três dimensões essenciais à formação do professor: a preparação acadêmica, a preparação profissional e a prática profissional”. Nesse sentido, ousamos afirmar que o estágio supervisionado possibilita ao estagiário vivenciar esses momentos, ainda que superficialmente, em função do curto espaço de tempo, ao se deparar com situações reais do contexto escolar, em especial das escolas públicas, ao abrir espaços para a reflexão-ação-reflexão-acerca das práticas pedagógicas no processo educativo.

CONCLUSÃO

A interação e comunicação, de um modo geral, seja de criança-criança ou professor-criança, devem ser colocadas, senão, como fatores importantes na aprendizagem, na construção da identidade do professor e sua atuação em sala, além de proporcionar o desenvolvimento dos aspectos sociais, físicos, psicológicos e emocionais da criança, através das experiências vividas por ela e seu conhecimento de mundo que aprendem. O professor que sabe disso reconhece na criança um ser em pleno desenvolvimento e não a vê como apenas um depósito de informações, por isso se coloca na posição de mediador no processo de aprendizagem e enriquece seu cotidiano escolar com ações pedagógicas que permitam a construção do ser e do saber pela própria criança.

Assim, os jogos e as brincadeiras, o faz de conta, o movimento, a arte, a expressão livre, os cuidados pessoais, a construção da identidade, são aspectos que obrigatoriamente devem fazer parte do desenvolvimento da educação infantil. Ou seja, os profissionais da educação precisam entender que a educação do nosso país só poderá mudar quando a mudança partir do olhar do professor para com a educação infantil. Nesse sentido, a brincadeira na nossa prática docente em educação infantil foi um importante recurso didático para auxiliar as crianças a enfrentarem o mundo com seus desafios, além de provocadora de situações sociocomunicativas, tendo em vista que por meio delas a criança pôde reproduzir seu cotidiano.

A experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil realizado na Creche Municipal Elizabete Gomes da Silva, nesse sentido, foi gratificante e de grande importância

para nossa formação acadêmica inicial não so por promover a interação com profissionais da educação, mas principalmente porque foi possível colocar em prática os conhecimentos acumulados no curso de Pedagogia e a certeza de que, como afirma Freire “(...) na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. [...] é pensando criticamente a pratica de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (1996, p. 39) ”.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Curricular Comum- BNCC** - Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente. Brasília. Lei 8.069**, 13 de julho 1990. Constituição e Legislação relacionada. São Paulo. Cortez.
- BRASIL, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Imprensa Oficial, Brasília: 1998.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n 9.394** de 20 de dezembro de 1996, Brasília:
- BRASIL, **Emenda constitucional nº59/2009**. Brasília: Presidência da República - Casa Civil, 11 de novembro de 2009.
- CARVALHO, A. M. C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1987.
- MORO, Catarina. **Desafios da avaliação**. REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2ed. São Paulo: Segmento, 2011.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 9-33
- OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PIMENTA, S. LIMA, M. **Estágio e Docência**. 2. ed. são Paulo: Cortez, 2004.
- SOUZA, Sandra Caitano Borges de. **Diário de Campo - Memórias Vivenciadas do Estágio Supervisionado na Educação Infantil**, Aroeiras: abril/maio de 2018.